

Reportagem Especial

DROGAS

Crack faz médico perder tudo

FOTOS: JULIA TERAYAMA/AT

Clínico geral de 38 anos perdeu o emprego seis vezes, com salário médio de R\$ 7 mil. Ele está internado e tenta se livrar do vício

Eliane Proscholdt
Francine Spinassé

“Perdi tudo por causa do crack: empregos, salário de R\$ 7 mil, notebook, camisa, tênis, celular, relógio e televisão. Mas o mais importante que perdi foi a confiança dos familiares e relacionamento amoroso, assim como o respeito da sociedade e a dignidade como homem. Agora estou disposto a mudar essa história.”

O desabafo é de um médico, clínico-geral, de 38 anos, que há 40 dias está internado em uma comu-

“Perdi a confiança dos familiares, o respeito da sociedade e a dignidade como homem. Estou disposto a mudar essa história”

Médico de 38 anos de idade

nidade terapêutica em Viana. Ele é separado e não tem filhos.

Nascido em Mantena, Minas Gerais, ele passou parte da infância em uma cidade do Norte do Estado. Quando criança veio para Vitória, com a família, estudar.

Em 1990, começou a faculdade particular, mas suspendeu os estudos devido ao uso de drogas, associado a depressão e problemas financeiros. Formou-se em 2006.

O médico atuou em unidades de saúde, pronto-atendimento e hospitais públicos na Grande Vitória, mas foi exonerado porque fumava crack e abandonava o emprego.

“Usava no momento de folga e não conseguia trabalhar no dia seguinte. Perdi de cinco a seis empregos”, contou.

Seu ingresso no mundo das drogas foi em 1990. Ele começou a usar cocaína porque queria ficar acordado para estudar.

“Só que não deu certo porque a substância causa uma agitação muito grande. Você não consegue ficar parado. Concentrado em cima de um livro de anatomia, nem pensar. Daí comecei a fazer o uso eventual em baladas.”

Ele diz que, por ser tímido, usava cocaína para ficar mais sociável.

A migração para o crack, foi em 1994. “A gente fazia o crack em casa. Comecei a comprar a pedra em boca de fumo entre 1998 e 2000.”

Ele deixou de usar o crack neste



MÉDICO já gastou R\$ 2,5 mil em duas ou três noites seguidas, consumindo crack. Ele diz que começou a usar em 1994

ano, pouco antes de se internar. “Mas o meu uso não era diário. Era em grande quantidade, mas em período mensal ou trimestral. Passava três, quatro dias fumando uma média de 30 pedras, que eram compradas sempre à vista ou tro-

cada por objetos pessoais.”

Ele confessou que chegou a gastar R\$ 2,5 mil em duas ou três noites seguidas, usando crack.

Ficou internado cinco vezes, uma delas foi involuntária. Mas ele saiu, após ameaçar processar o do-

no da clínica. Em uma das internações, ficou um ano, mas depois que saiu voltou a usar crack.

Sua meta, além de se libertar do vício e voltar a trabalhar, é ajudar outros usuários a se livrar da dependência química.

ENTREVISTA MÉDICO

“Já dormi na rua, deitado em papelão”

A TRIBUNA - O que leva um médico, que sabe dos efeitos do crack no organismo, a recorrer a essa droga?

MÉDICO - O crack foi algo a mais, porque não deixei de usar a cocaína. Quando comecei a usar não era médico. Era universitário.

> Mas isso não era falado?

Você saber o efeito da substância é uma coisa, mas se tornar dependente é diferente. Você não está ligando para o efeito da droga, se vai te dar um enfarte agudo do miocárdio ou um AVC. Está preocupado com o bem-estar que ela te dá.

> O que buscava no crack?

Vamos usar um termo do meio: “a pancada é maior”. Em segundos a substância entra na corrente sanguínea e para no cérebro.

> Como ficava após o uso?

Tive períodos de alucinação. Às vezes eu não aguentava a alucinação e chamava um parente para me levar ao hospital para tomar alguma medicação. Também fui detido pela polícia, não fui preso, e levado para hospital. Eu ficava agressivo, gritava em casa, nos motéis e hotéis onde usava o crack.

> E depois, o que sentia?

Cria-se um ciclo. O uso da droga oferece um período eufórico, depois vem a depressão. Para sair da depressão, você usa mais droga.

> Roubou para manter o vício?

Não. Usei camisa, tênis, coisas pessoais, TV, notebook, celular, relógio, CD do próprio carro.

> Morava sozinho?

Morei com a minha mãe por um período, mas depois morei só, em um apartamento alugado.

> Teve o apoio da família?

Chega um momento que a família não sabe mais o que fazer.

> Tem crise de abstinência?

Não. Passei por uma consulta psiquiátrica antes de estar aqui. Tomo antidepressivo e medicação para evitar a fissura pelas drogas.

> Já morou na rua?

Neste ano, já dormi na rua, deitado em papelão. Fiquei oito dias porque tive um desentendimento familiar. Não tinha recebido a res-

“Quem não está nas drogas, que não faça o teste, porque na verdade é uma roleta-russa”

Médico de 38 anos

cisão e não estava preparado financeiramente para ficar no hotel.

> Onde ficou na rua?

Em um bairro nobre de Vitória. Não usava muita droga porque não tinha dinheiro. Recorria ao álcool.

> Como descreve a sensação?

É de abandono. Procurei ajuda de uma igreja e fui orientado a ir para uma comunidade terapêutica na Serra, que me acolheu até eu re-

ceber esse salário. Antes disso, em agosto de 2010, eu estive em uma clínica psiquiátrica, e foi sugerido que se não conseguisse me manter limpo com aquele tratamento que deveria procurar uma comunidade terapêutica para eu ficar mais tempo isolado das drogas.

> Qual é o seu sonho?

É me recuperar desse momento de instabilidade com relação à dependência química.

> O que te dá força?

Primeiro é Deus, a fé. O ideal para a vida é a recuperação profissional e financeira e uma nova estrutura social, de fazer parte de um grupo social que não está na fase ativa da dependência.

> Como é a sua rotina aqui?

Não exerço a Medicina aqui. Sou interno. Só dou palpites. A gente acorda às 6h20 e tem um período chamado “A sós com Deus”. Depois vem o café. Tem cultos e terapia para manutenção do local. As tarefas mudam a cada semana. Eu já lavei vasilhas, limpei o alojamento, cuidei da horta, já rastelei o pátio e fui ajudante de cozinha.

> Deixa qual mensagem?

Quem está nas drogas, que procure ajuda imediata. Quem não está, que não faça o teste porque na verdade é uma roleta-russa e, muitas vezes, um caminho sem volta.

CURIOSIDADE



50 pedras por noite

A curiosidade levou um menino de 12 anos, que hoje tem 22 anos e é perito veicular, a conhecer maconha, cocaína e crack.

Ele está internado em uma comunidade terapêutica há quatro meses. Antes disso, morou nos Estados Unidos, com a mãe, que é comerciante.

“Eu me acabei nas drogas. Já fumei 50 pedras em uma noite.”

Agora ele disse que pretende ficar mais três meses internado. “Perdi muita coisas, principalmente meus sonhos de construir uma família, de ter a minha independência financeira.”



NA CLÍNICA, médico trabalha na horta. Ele também ajuda na limpeza dos alojamentos e nas tarefas da cozinha

Reportagem Especial

DROGAS

Vila Velha quer 200 fora das ruas

A Prefeitura de Vila Velha quer retirar das ruas da cidade mais de 200 viciados em drogas. De acordo com o secretário municipal de Defesa Social, Ledir Porto, já começaram os trabalhos de mapeamento de alguns pontos mais críticos.

O secretário disse que, até o final do ano, a intenção é que seja firmado o Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) em parceria com outros órgãos como governo do Estado, Polícia Civil, Polícia Militar, Secretária de Saúde e Justiça. "Amanhã (hoje) teremos uma reunião com esses órgãos para começar a definir os próximos passos."

Porto frisou que a prefeitura está trabalhando para melhorar a rede de atendimento aos usuários.

"Sabemos que não há uma estrutura adequada hoje, mas estamos dispostos, inclusive, a comprar leitos em clínicas particulares até que a rede municipal esteja estruturada. Para isso, buscamos parcerias do Estado e governo federal", disse.

Ele explicou que hoje não há leis para proibir que pessoas vivam nas ruas ou que repreendam usuários de drogas, por isso a dificuldade em retirar essa população.

"A proposta é que depois de estruturada a rede e o TAC, passemos a convidar as pessoas para internação voluntária, em último caso vamos retirar à força. Essa é a única saída hoje para a cidade. Se vai dar resultado na recuperação não sabemos, mas é necessário para a ordem pública", disse.

Ele frisou, ainda, que o município já está se preparando para começar as obras de um Centro Terapêutico de Dependentes Químicos, que será construído em uma área rural e tem a previsão de ficar pronto no ano que vem.

AÇÃO

Ontem, a prefeitura deu continuidade ao projeto, retirando lixo, moradores de rua e usuários de drogas de um terreno baldio no bairro Divino Espírito Santo.

Ao todo, 16 pessoas foram retiradas do local pela manhã. A ação integrada aconteceu na rua Moema e contou com o apoio da Polícia Militar, do Ministério Público e do Juizado da Infância e Juventude.

As famílias estão sendo cuidadas por profissionais da abordagem de rua. O local será cercado e o proprietário terá que pagar multa e manter o terreno limpo.



AÇÃO DA POLÍCIA em Divino Espírito Santo: retirada de usuários de drogas

Os números Vagas e internações no Estado

1.320 VAGAS

São oferecidas em Centros de Atenção Psicossocial e de Tratamento ao Toxicômano.

9.693 INTERNAÇÕES

Pelo SUS foram feitas em 2009

ATÉ O FINAL DE 2012, o Estado vai concluir mais 12 CTTs

ATENDIMENTOS

- > 374 USUÁRIOS foram atendidos no Caps da Serra em 2010
- > 314 DEPENDENTES de álcool e drogas estão sendo acompanhados no CPTT de Vitória
- > R\$ 350 AO DIA é o valor médio cobrado em clínicas de recuperação

ONDE BUSCAR AJUDA

CAPS E CTTs

Os centros funcionam durante o dia. Os CTTs têm atividades até as 21

horas. No caso dos Caps, alguns ficam até 17 horas.

Caps Anchieta (28) 3536-3479	CTT São Mateus Sem telefone
Caps Serra Tel: 3328-4137	Caps Nova Venécia (27) 3752-2180
Caps Vila Velha (27) 3239-9846	Caps Guaçuí (28) 3553-1262
Caps Infante-Juvenil Vitória Tel: 3225-5497	Caps São José do Calçado (28) 3556-0352
CPTT Vitória (27) 3132-5104	Caps Vargem Alta (28) 9986-8573
Caps João Neiva (27) 3258-3642	Caps Baixo Guandu (27) 3732-4486
Caps São Mateus (28) 3767-4165	

Fonte: Prefeituras e governo do Estado.



O MÉDICO JOÃO CHEQUER aprova a medida, desde que a prefeitura tenha um local para abrigar viciados

Falta estrutura, dizem especialistas

Para especialistas no tratamento de dependentes químicos, apesar de ser válida a intenção da Prefeitura de Vila Velha em discutir o assunto e retirar viciados das ruas, falta estrutura para internação.

O doutor em dependência química João Chequer afirmou que retirar as pessoas que estão sofrendo na situação de rua é muito positivo, mas desde que se tenha um local com boa infraestrutura para levar essas pessoas.

"Não vejo nenhum problema em retirar todos das ruas, mas que não seja apenas de forma compulsória, amontoando em um lugar qualquer. A ideia é boa se for bem es-

truturada, com assistência social e legal e reinserção social. É possível dar certo."

O doutor em dependência química Francisco Veloso destacou que, como cidadão, quer as praças livres e limpas para passear.

"Como especialista, acredito que

“A ideia é boa se for bem estruturada, com assistência social e legal e reinserção social”

João Chequer, médico

primeiro temos que ter o remédio para ter a bula. Primeiro precisamos do local para levar essas pessoas, se retiradas das ruas", afirmou o médico.

Ele disse ainda que, em 39 anos de experiência na área, observa que 80% dos pacientes internados em clínicas forçados por parentes voltam para as drogas.

"Acredito que a discussão do tema com a sociedade nesse momento é muito boa, e a Prefeitura de Vila Velha está fazendo o papel. Temos que pensar que a forma compulsória pode fazer para o usuário com que a internação cheire a presídio", afirmou.

INTERNAÇÃO

Cocaína aos 13 anos

Aos 13 anos de idade, um estudante recebeu de um funcionário do seu pai, que tem duas oficinas mecânicas, o convite para usar cocaína. O estudante, que atualmente tem 18 anos, tornou-se um viciado.

Com o apoio da família, ele decidiu se internar. "Troquei o meu cordão de prata, celular e roupas de marca com traficantes. Entregava o meu salário de R\$ 440 que recebia como estagiário em um órgão do governo estadual."



ANDRESSA CARDOSO/AT

TRATAMENTO

"Não adianta forçar"

Há 11 anos vivendo nas ruas e viciado em crack, Diego Barbosa, 23 anos, agora busca tratamento para largar o vício. Ele contou que já chegou a ser internado 10 vezes, mas acredita que só há recuperação quando a pessoa quer ser curada.

"Não adianta forçar. Estou há meses sem usar drogas e vivendo em um albergue, buscando ajuda para internação. Sinto que vou sair dessa vida, mas não adianta forçar. O usuário só fica mais revoltado."

